

## VIDAS SILENCIADAS

*Vidas Silenciadas. A violência com crianças e adolescentes.*

Autora: Glacy Q. de Roure  
Campinas - Ed. da Unicamp  
1996 (164 págs.)

“Ao contrário do que possa parecer, o exercício da violência não é estranho às crianças e aos adolescentes. Tais práticas têm-se dado historicamente, variando, de acordo com a posição social em que se encontram.”

No livro *Vidas silenciadas*, apresentado inicialmente como dissertação de mestrado em Educação Escolar Brasileira UFG/GO, encontramos uma análise das determinações históricas dos diferentes discursos sobre a prática da violência contra crianças e adolescentes no imaginário da sociedade brasileira.

O trabalho se desenvolve em duas partes. A primeira destina-se às considerações sobre a base teórico-metodológica da Análise de Discurso da escola francesa, iniciada por Michel Pêcheux, em que a cronologia da história cede espaço ao processo de produção de sentido, e o novo, o diferente, se produz em uma história

que não se faz apenas com dados, mas por meio de construção de sentidos, num processo de constante tensão entre o que muda e o que permanece.

Os sentidos, mostra a autora, não são criados espontaneamente, mas são construídos nos confrontos entre as classes permeadas por relações de força e de poder com seus jogos imaginários.

A pesquisa aponta a construção de um imaginário que determina a violência, a punição e o assassinato de crianças e adolescentes pobres no decorrer da história da sociedade brasileira. Encontra nos discursos sobre a criança negra, no Brasil no séc. XIX, práticas diferenciadas de violência que reforçaram o racismo, uma das categorias utilizadas na compreensão do fenômeno da violência.

Neste sentido, a autora historiciza a construção de diferentes concepções em relação à infância e adolescência no Brasil. A partir deste resgate, aponta

que a prática da violência em relação a estas não tem se dado de forma isolada.

A autora lembra que o método utilizado -AD - é de fundamental importância para que aquilo que é dado como “o fato”, o “sentido literal”, possa ser desconstruído em função de seus processos de determinação. Reafirma a necessidade da compreensão do processo de produção dos discursos, pois somente assim pode-se realizar uma leitura mais crítica dos discursos/práticas realizadas e as formações ideológicas aí representadas.

A delimitação do estudo foi realizada a partir de noticiários de jornais, conferências, discursos, documentos, transcrição de fitas de vídeo e entrevistas com meninos e meninas de rua e militantes do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR). Também foram analisadas entrevistas de um empresário, um deputado federal e dois exterminadores da OPM (Organização Pena de Morte).

A segunda parte do livro destina-se às análises do processo da produção social das diferentes vozes (sentidos), detectando através de suas marcas lingüísticas os efeitos ideológicos aí presentes. O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua é analisado

através de documentos em que se ressalta como, através da produção deste discurso, esta entidade pode contribuir para que se contemplem crianças e adolescentes marginalizados como parte integrante da sociedade civil.

Em seguida, aborda a questão do extermínio de crianças e adolescentes no Brasil, analisando os efeitos de sentidos de afirmações pronunciadas, inicialmente, por um empresário. Seu discurso aponta a inexistência de um sentido de infância ou de adolescência: “É como se marginal não tivesse idade, com valores e comportamentos correspondentes a esta”, afirma a autora.

Trabalhando com recortes de uma entrevista concedida por membros da Organização Pena de Morte (OPM), um grupo de extermínio, observa que, da mesma forma que na fala do empresário, encontra-se uma formação discursiva moral-burguesa, na qual ser bandido é considerado como uma profissão, uma escolha, e a morte é concebida como consequência desta escolha pela marginalidade.

Analisa ainda nas falas referidas como a violência vai tomando formas absurdas e desumanas. Sentidos vão sendo construídos e, aos poucos, vão sendo cristalizados de forma que os

homens passam a citar que “bandido tem que morrer”. Aponta que boa parte da população passa a conceber ações como as de extermínio, torturas e linchamentos como fatos normais, cujo objetivo é a busca de proteção. Desse modo, a generalização do sentido de que “os menores” estão abusando induz às práticas que devem eliminar tais comportamentos. Constata, nas falas dos justiceiros, que a palavra violência toma sentidos diversos: quando cometida pelo menino deve ser punida, no entanto se cometida pelo justiceiro não deve ser punida, “pois a violência gera violência”, lembra um dos entrevistados, quando opina contra a pena de morte.

Sobre esta última questão, a autora analisa um recorte discursivo de um deputado federal que apresentou uma emenda constitucional para a realização de plebiscito sobre a pena de morte. No sentido de uma análise comparativa entre este discurso e o do exterminador, a diferença estaria na legalização/institucionalização da pena de morte.

Afirma ainda que os diversos discursos existentes sobre a violência não são frutos de apenas uma formação discursiva, mas de uma infinidade delas que se atravessam, produzindo o novo,

redimensionando o velho, cristalizando-se e ao mesmo tempo apontando também para a possibilidade de transformações.

Finalmente, analisa a fala de crianças e adolescentes sem, porém, deixar de lembrar o silenciamento que a incomoda, pelo fato destas falas nunca serem ouvidas, nem consideradas. Deixa vir à tona uma fala que constrói sentidos, redimensiona conceitos e redefine práticas. Ressalta que, no jogo das formações discursivas, contrapõem-se sentidos preexistentes que concedem aos meninos o estatuto de “pequenos marginais”. As falas apresentadas são de meninos e meninas das ruas de Goiânia, bem como de outras crianças ouvidas durante o II Encontro Nacional de Meninos e Meninas de Rua, promovido pelo MNMMR.

Na análise dos discursos, a autora percebe que a *violência* e os *direitos* são enunciados presentes em uma grande parte das falas dos meninos e meninas do Encontro. Relatando o seu cotidiano, suas experiências em casa, na rua, nas instituições, crianças e adolescentes revelam os diferentes tipos de violência com que se deparam no seu dia-a-dia.

Um outro ponto ressaltado em uma grande parte dos discursos citados é o

fato de que muitos meninos, mesmo conscientes da violência, do processo de exploração e discriminação a que são submetidos, apresentam uma certa dificuldade em se afirmarem enquanto meninos de rua. Neste bloco, pode-se observar como em seus discursos, meninos e meninas resistem a alguns sentidos presentes no imaginário da sociedade brasileira, como o de que “atrás de cada menino de rua encontra-se um marginal”. O discurso é de resistência aos rótulos que são impostos sobre eles, que são por eles apreendidos nos diversos discursos.

No último bloco, o interesse é de compreender os processos de significação dos enunciados que os meninos e meninas das ruas de Goiânia produzem. Aqui, de forma contraditória, o discurso heterogêneo passa a circular no domínio burguês: o trabalho que converte e o trabalho que regenera constituem-se como critério para se separar os homens em bons e maus.

É em um jogo entre diferentes formações discursivas, com predomínio de característica ora religiosa, ora moral, ora burguesa, ora jurídica, com relações constitutivamente contraditórias, heterogêneas, que os sentidos vão se constituindo. Há

modalizações pelas quais as vidas dos meninos e meninas são vistas por eles como realização do destino, em que eles se significam como malandros que vão morrer malandros, “pois a vida é assim”.

Incorporados ao senso comum, a autora afirma, discursos desta natureza tiram do sujeito a possibilidade de mudanças, e seus efeitos de sentido são fundamentais no processo de manutenção da ordem vigente desta sociedade. Discursos burgueses que pregam o trabalho, a honestidade, a responsabilidade, são de tal forma presentes no senso comum que impedem outras possíveis significações em relação a estas questões.

A culpa, a vergonha, a indignação por serem da forma como são os induz a caminhos diferenciados, ou acomodando-se, ou resistindo violentamente a esta situação. Organizam-se em gangs, escolhem os seus líderes, planejam as ações, e o confronto se estabelece.

Como afirma a autora, que escreveu *Vidas Silenciadas* entre o *querer* e o *dever*, este é um estudo que pode ser considerado como uma denúncia e um desafio, que é lembrado em sua conclusão: “a construção de um novo

*Resenha*

sentido para crianças e adolescentes é também nossa responsabilidade, significando a possibilidade da

183

construção de uma nova história, história de esperança, de sonho, de ousadia”.

Diane Valdez\*

---

\* A resenhista é mestranda em História das Sociedades Agrárias (UFG), participa do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (GO) e é professora da rede municipal de Goiânia.